

## **Observando os conflitos: a história da terapia com células- tronco para tratamento da doença de Chagas e a veiculação de notícias na Bahia.<sup>1</sup>**

Cristina Mascarenhas Santos – Universidade Federal da Bahia <sup>2</sup>

Simone Bortoliero – Universidade Federal da Bahia<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa alguns aspectos da história das pesquisas sobre células-tronco para tratamento da doença de chagas na Bahia e a divulgação científica na imprensa escrita e televisionada de Salvador. Para análise do material veiculado pela imprensa de Salvador, no período de 2002 até 2005, foram utilizados o relato oral dos pesquisadores envolvidos no 1º transplante cardíaco, com uso de células-tronco em pacientes chagásicos no mundo. É uma pesquisa qualitativa, com 06 entrevistados em profundidade, 03 pesquisadores e 03 jornalistas. Esta abordagem faz parte da dissertação de mestrado **Duas realidades: a pesquisa científica nos laboratórios e na mídia**, do Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da Universidade Federal da Bahia. Palavras – chave : Divulgação Científica, Terapia com Células-tronco, Doença de Chagas, História da Ciência, Jornalismo e Saúde.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP Comunicação Científica e Ambiental, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

<sup>2</sup> Aluna de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da Universidade Federal da Bahia, cujo título da dissertação é *Duas realidades: a pesquisa científica nos laboratórios e na mídia*. Jornalista/Editora do Telejornal da Rede Bahia/TV Globo de Salvador. E-mail: Cristina\_mascare@uol.com.br

<sup>3</sup> Professora da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Professora da Pós Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências e da Pós Multidisciplinar em Cultura e Sociedade, ambas da Universidade Federal da Bahia. Diretora Regional da Associação Brasileira de Jornalismo Científico. E-mail: bortolie@ufba.br

## **Introdução**

O noticiário brasileiro sobre as terapias com células-tronco deixou de ser assunto do eixo Rio-São Paulo para ocupar espaços no telejornalismo e na imprensa escrita da cidade de Salvador, a partir do desenvolvimento das pesquisas com células-tronco para tratamento de doenças de Chagas realizadas por pesquisadores da Fiocruz/Bahia com repercussão internacional. As formas como os temas científicos são divulgados pela mídia nacional não refletem as dificuldades encontradas pelos profissionais diante da falta de critérios na escolha de pautas, da veiculação das notícias imediatistas, sendo que no campo da saúde, as informações estão baseadas em sua grande maioria por valores corporativos e industriais, que fogem do domínio das redações. A ausência de critérios editoriais que valorizem as informações científicas e tecnológicas de interesse público vem sendo sistematicamente estudada e denunciada em eventos científicos através de pesquisadores que atuam na interface Ciência e Mídia. Numa revisão feita por Wilson Bueno (2005), “a mídia tem transformado o universo da doença (e a sua cura) em um grande espetáculo, movido por lances mágicos ou sensacionais, onde prevalecem o mito da técnica onipotente, a ideologia da novidade e o conflito maniqueísta do bem contra o mal”

Consideramos valioso, antes de apresentamos nossas contribuições, interpretar a prática brasileira de divulgação científica aplicada à saúde como componente de nossa reflexão. Neste campo que é por essência multidisciplinar, Wilson Bueno (2005) destaca a descontextualização da informação em saúde, uma centralização na doença em detrimento de medidas de prevenção, a permanência de uma visão preconceituosa das terapias e medicinas alternativas, o endeusamento da tecnificação, a legitimação e prevalência do discurso da competência de especialistas e a espetacularização da cobertura na área médica. Temos também uma informação inspirada no viés mercadológico e não sabemos quando se trata de informação científica ou de um marketing científico. Entre esses aspectos, consideramos que a “visão cientificista que se expressa na onipotência da técnica”, está impregnando as redações e os processos de produção das notícias em saúde. Isto também vem ocorrendo de forma generalizada na divulgação das pesquisas sobre a terapia de células-tronco. As notícias de ciência, cujo enfoque é a saúde, ganham destaque e volume quando possuem um caráter aplicado porque o jornalismo brasileiro incorporou uma certa

euforia da revolução tecnológica, defendendo e depositando em equipamentos, técnicas e medicamentos, uma via única de salvação para nossas doenças.

Não podemos afirmar que houve uma divulgação precipitada das terapias com células-tronco no país, já que tivemos vários pesquisadores lutando pela aprovação da lei de biosegurança no Congresso Nacional, grupos de pacientes com deficiências físicas lutando pela aprovação e utilização desta tecnologia revolucionária nas ciências médicas. Tivemos também na divulgação desta terapia a legitimação do discurso da competência de especialistas, ora do eixo Rio-SP ora da capital baiana. Mas o que mais chamou nossa atenção foi uma rápida ascensão das notícias enquanto ainda nos encontramos numa fase de resultados parciais sobre o uso de células-tronco em pacientes chagásicos. Ainda estamos distantes da tomada de decisões de políticas públicas quanto ao uso de células –tronco disponibilizadas pelo Sistema Único de Saúde. No caso das injeções de células-tronco para tratamento de doença de Chagas, a grande revolução até o momento não foi a cura, mas sim uma melhoria na qualidade de vida de pacientes que mal podiam andar ou respirar.

O jornalismo científico brasileiro carece de uma linha de investigação e de maior fiscalização do dinheiro público destinado às pesquisas no país, principalmente àquelas que podem se tornar tecnologias com justiça social. Ou seja, fazer uma divulgação científica objetivando aumentar o acesso das maiorias excluídas ao conhecimento científico e tecnológico. No caso específico do transplante cardíaco em pacientes com Chagas, as células-tronco foram utilizadas, até o momento, em pacientes em estado grave, que estavam com atividades diárias comprometidas. Há que se discutir, um comprometimento do jornalismo científico brasileiro, que de forma simultânea ao desenvolvimento desta nova terapia, poderia estar investigando a real situação do déficit habitacional que vem proporcionando um aumento no número de chagásicos no país. Borrifação também não vem sendo um método suficiente para acabar com o barbeiro, prática ainda utilizada como medida preventiva no interior dos estados endêmicos.

Mas como podemos fazer uma reflexão sobre estas informações ou avaliarmos os produtos veiculados em forma de notícias, se ainda nos limitamos a métodos conservadores de análise? Os jornalistas precisam compreender também os fatos históricos decorrentes da pesquisa na Bahia e a atual situação da doença de Chagas em nosso país, para realizar uma divulgação com caráter investigativo.

## **Justificativa**

Nas relações existentes entre as redações e os laboratórios, órgãos de pesquisa ou universidades, formam-se lobbys tanto por parte dos pesquisadores como das instituições que representam. Neste sentido, o papel fiscalizador e investigativo de um jornalismo científico comprometido com uma ciência cidadã e com tecnologias com justiça social, seria solução para cicatrizar essa ferida aberta no seio do jornalismo brasileiro. Entretanto, Wilson Bueno afirma que “as fontes, estimulada por interesses comerciais, que já é grande, tenderá a aumentar com o tempo, à medida em que a ciência e a tecnologia passem a requerer, cada vez mais, recursos de monta , atraindo a parceria de grupos poderosos e que somente a conscientização da comunidade científica, a partir de sua sociedades e associações, a interferência do Estado regulando contratos entre empresas e universidades e, sobretudo, a atuação mais alerta dos comunicadores da saúde (em particular, os jornalistas) poderá contribuir para que a informação qualificada prevaleça sobre o discurso eminentemente publicitário, comprometido com a venda de produtos e serviços, muitas vezes de excelência discutível. (2000). Segundo Mônica Macedo, as fontes oficiais (órgãos do governo, universidades e institutos de pesquisa) e especialistas são predominantes na cobertura de saúde, totalizando 58% de incidência e mostrando que o jornalismo costuma legitimar o saber dito competente no campo da saúde. Existe ainda a influência da indústria farmacêutica na propagação de informações sobre novos medicamentos e de outros produtos tecnológicos, criando a necessidade de associar saúde com acesso a melhores equipamentos e terapias em clínicas especializadas e hospitais, ou seja, no sistema terciário, mais caro e oneroso. Mas para que ocorra o transplante com células-tronco em cardíacos chagásicos, necessita-se deste sistema oneroso que são os centros cirúrgicos em hospitais. Além disso, é necessário investimento em equipes médicas cardíacas e em medicamentos pós- transplante, de difícil acesso aos portadores de Chagas, pois são medicamentos caros.

A ocorrência da transformação de pesquisas em produtos noticiáveis dificulta os sistemas de apuração e de investigação. Os resultados de pesquisas em andamento são divulgados como de definitivos. A ciência é elevada à condição de absoluta e o discurso é construído para apresentar resultados. Verdades e mentiras se mesclam numa avalanche de informações que podem causar angústia, revolta e descrédito de indivíduos que necessitam

entender tais procedimentos científicos para se posicionarem com relação à busca deste tipo ou não de tratamento.

Algumas empresas de comunicação mantêm a divulgação científica associada ao *sensacionalismo*, a *novidade* e aos *produtos tecnológicos* que podem ser consumidos. Se antes, os poucos espaços eram reservados para divulgar as pesquisas realizadas em outros países, atualmente verifica-se a divulgação da produção nacional em diferentes áreas do conhecimento, seja em pesquisa básica ou aplicada. Mas são mantidas as abordagens superficiais e mercadológicas, como é o caso das notícias envolvendo a terapia com células-tronco, que podem trazer resultados, mas que ainda são pesquisas inconclusivas e precisam de tempo para serem avaliadas, principalmente os casos de indivíduos que já receberam injeções de células-tronco e começaram a apresentar uma melhoria na qualidade de vida.

## **Objetivos**

Realizar uma abordagem histórica sobre o uso de células-tronco no tratamento da doença de Chagas, através do relato oral de pesquisadores da Fiocruz/Bahia e de jornalistas da imprensa baiana. Trata-se de elucidar alguns conflitos, má interpretação, erros e incertezas científicas, através da compreensão da história da pesquisa, o que irá possibilitar uma reflexão sobre os fatos que se tornaram notícia na imprensa de Salvador/Bahia.

## **Uma opção metodológica**

Foram escolhidos como objeto, as pesquisas com células-tronco para tratamento da doença de Chagas, desenvolvidas pelos laboratórios da Fiocruz da Bahia e sua divulgação nos meios televisivos e impressos da cidade de Salvador. Entre as emissoras foram escolhidas a Rede Bahia/TV Globo (empresa privada) e a TVE/Salvador (empresa estatal). Já os jornais foram escolhidos por serem de maior tiragem, A Tarde e o Correio da Bahia, respectivamente. Em meados dos anos 90, novas formas de interpretação, como trabalhos publicados sobre os processos desse fazer jornalístico – os saberes profissionais – e análises baseadas numa História da Ciência para interpretar o trabalho do jornalismo científico, vão assumindo o seu lugar e se configurando numa nova vertente. Além do trabalho documental, da análise das matérias dos jornais, da análise das matérias das emissoras

televisivas, da revisão bibliográfica e de visitas aos laboratórios da Fiocruz/Bahia, optamos pela pesquisa qualitativa, onde 03 pesquisadores, da Fiocruz/Bahia e do Hospital Santa Izabel, foram entrevistados na tentativa de reconstruir a história sobre as células-tronco para tratamento de doença de Chagas na Bahia, além de coletarmos os depoimentos de 03 jornalistas envolvidos na cobertura desta temática de 2002 até 2005.

Neste artigo, analisamos o relato oral do pesquisador Ricardo Ribeiro dos Santos, da Fiocruz/Bahia, responsável pelo 1º transplante com células-tronco em paciente com Chagas. Através deste depoimento (gravado inicialmente em mp3, cuja duração foi de 2 horas) definimos algumas categorias de pensamento, que nos possibilitaram contar a história da pesquisa com células-tronco na Bahia e de forma simultânea avaliar os fatos divulgados na mídia local. O material sobre a mídia de Salvador foi lido e assistido várias vezes para que confrontássemos os fatos históricos da pesquisa e os fatos midiáticos, relembrando datas e processos científicos. Nos auxiliaram nesta análise uma leitura especializada sobre a história da doença de Chagas no Brasil e uma revisão bibliográfica sobre a história das células-tronco na Bahia. As diferenças naturais na produção da notícia versus os procedimentos científicos, inviabilizam uma divulgação científica, particularmente, comprometida com os interesses públicos já que deveríamos estar sendo informados sobre a realidade das áreas endêmicas no país e como a pesquisa se insere ou não neste contexto social e econômico. É impossível que a mídia respeite o tempo em que se processa o conhecimento científico ou acompanhe o desenvolvimento de uma tecnologia, justamente porque para o jornalismo, a ciência e a tecnologia se configuram enquanto mercadorias que devem ser vendidas ao público consumidor. O que queremos identificar são os conflitos entre uma história da pesquisa e os fatos divulgados, ou seja, como a ausência de uma interpretação histórica pode levar as distorções de entendimento equivocados da população que lê ou assiste televisão.

As demais entrevistas realizadas para a dissertação de mestrado intitulada **Duas realidades: a pesquisa científica nos laboratórios e na mídia**, ainda estão sendo analisadas juntamente com o relato oral dos jornalistas que são os responsáveis pela divulgação científica das pesquisas em andamento na Fiocruz/Bahia na imprensa de Salvador.

## **O uso do relato oral na construção da história da pesquisa para a interpretação das notícias na mídia em Salvador**

A Comissão Nacional de Ética e Pesquisa (CONEP), desde 1999 já avaliou mais de 50 projetos para aplicação terapêutica de células-tronco adultas, sendo que 300 brasileiros já foram submetidos a experiências com este tipo de terapia. Reside no Brasil o pioneirismo em estudos sobre insuficiência cardíaca (onde estão situados os doentes chagásicos), cirrose hepática e acidente vascular cerebral. Somente em junho de 2005, com financiamento do Ministério da Saúde, teve início o maior estudo brasileiro na área de cardiologia, com 1.200 pacientes, com apoio de 40 centros de pesquisa, sob coordenação do Instituto Nacional de Cardiologia Laranjeiras no Rio de Janeiro.<sup>1</sup> Nestes dados apresentados, a revista *Veja* não incluiu as pesquisas em andamento na região nordeste do Brasil, a exemplo do transplante de células-tronco para tratar o mal de Chagas. Uma das possíveis razões para essa omissão é o fato da doença de Chagas estar entre as muito negligenciadas, ou seja, aquelas que recebem apenas 10% do investimento anual em pesquisa em saúde apesar de atingirem 90% da população mundial. É o que o Fórum Global de Saúde chamou de hiato 10/90.

“Os gastos com pesquisas biomédicas são estimados em US\$ 60 bilhões por ano ou 42 por AVAI<sup>2</sup>, mas os gastos com doenças que afetam a população pobre são muito reduzidos. Em 2000 os gastos com leishmaniose, malária, doença do sono e tuberculose, enfermidades que representam 5% da carga de doença total, somaram US\$ 383 milhões. Entre 1975 e 1997 foram lançados 1233 medicamentos, mas apenas 13 eram para doenças tropicais (10/90 RHR)”(FERNANDES,2005, p.35).

Entretanto, a pesquisa científica desenvolvida no nordeste, especificamente na Bahia, produziu como resultado uma experiência pioneira no mundo, o primeiro transplante com células-tronco para tratar a doença de Chagas. Há aproximadamente trinta anos que não existe investimento no desenvolvimento de uma droga nova no mundo, para a doença de Chagas, justamente porque falta interesse da indústria farmacêutica. Um artigo publicado, no dia 23 de maio de 2006, no caderno *Mais da Folha* de São Paulo, traz uma análise sobre a falta de interesse da indústria farmacêutica na descoberta de novas drogas associadas à pobreza. Numa breve revisão sobre a história da ciência, no caso da doença de Chagas e as intervenções recentes da terapia com células-tronco, verificamos que boa parte da imprensa brasileira, no seu critério de pauta, não busca explicar os aspectos sociais e econômicos que envolvem os chagásicos, não associa as áreas endêmicas da doença com a pobreza e como conseqüência a falta de infra-estrutura para a realização de transplantes cardíacos e muito menos as condições para que o uso deste procedimento se concretize.

Geralmente o chagásico é um indivíduo sem recursos, e aí temos um segundo problema, porque para a realização do transplante cardíaco tradicional a condição *sine qua non* é que o paciente tenha condição de pagar o medicamento que vai tomar para o resto da vida. Outro aspecto relevante, é que neste tipo de transplante são utilizadas as drogas imunossupressoras, que irão debilitar a defesa do organismo, provocando nesses indivíduos uma reagudização da doença, piorando o quadro de infecções. Esta é uma técnica extremamente cara para ser aplicada em massa, segundo pesquisadores da Fiocruz/Bahia. Ela tem sido pouco utilizada em portadores de doença de Chagas, e nos poucos casos, onde são utilizadas, são feitas quando há condições de bons resultados. No estado da Bahia, por exemplo, não se faz transplante de coração, em chagásicos, por causa dos problemas sociais, e os portadores em estágio avançado da doença acabam indo a óbito.

O enfoque da mídia brasileira passou a ser unicamente a realização do transplante com uso de células-tronco, sem esclarecer aspectos fundamentais sobre a falta de infraestrutura hospitalar e de equipes cardíacas em áreas endêmicas. Neste sentido, é justo um olhar menos conteudista sobre a mídia nacional e mais aprofundada na história desta pesquisa em Salvador e a forma como foi tratada pela imprensa local, numa tentativa de desmistificar o uso desta tecnologia e apresentar suas significações.

As pesquisas sobre doenças de Chagas no Brasil existem há mais de 90 anos e segundo o pesquisador Ricardo Ribeiro dos Santos, que lidera a equipe da Fiocruz de Salvador, 70% dos doentes com o mal de Chagas não irão morrer por causa da enfermidade. Estes indivíduos desenvolvem ao longo de suas vidas uma convivência com o parasita. São indivíduos infectados, mas a doença não se manifestou.

“Entretanto, há um percentual em torno de 30% desses indivíduos na fase crônica eles já começam a apresentar alterações no coração e essas alterações no coração progridem e esses indivíduos, em geral ou quase inexoravelmente, num prazo em torno de 10 anos, vêm todos a óbito, como complicação da insuficiência cardíaca” (Entrevista de Ricardo Ribeiro cedida em abril de 2006).

No caso do noticiário dos últimos três anos, percebemos que o uso de células tronco surge como informação associada a “cura de doenças”, especificamente para os portadores de Chagas. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde - OMS, o Brasil possui em torno de 6 milhões de indivíduos infectados e uma população de indivíduos com cardiopatia ou desenvolvendo cardiopatia em torno de 2 milhões de pessoas que inexoravelmente caminham para um distúrbio de insuficiência cardíaca e

consequentemente para a morte. Esta é a chamada fase crônica da doença, onde as drogas existentes não funcionam contra o parasita. Na América Latina, isso aumenta para quase 6 milhões num total de risco de infecção em torno de 90 milhões de pessoas. A doença de Chagas só ocorre na América Latina e no sul dos Estados Unidos.

Se o indivíduo chegar nessa fase, conhecida pelos médicos como fase 3 ou 4, ele morre no máximo em 2 anos. Esta é a população alvo da terapia celular e não todos os pacientes com doença de chagas, como vemos geralmente no noticiário. Ainda hoje, o transplante cardíaco nesse caso é a única saída.

A história do uso de células-tronco não avança na mesma velocidade das informações divulgadas pela imprensa nacional. Em 2001, o pesquisador italiano Piero Anversa publicou um trabalho onde relatava o uso de células-tronco de medula óssea no enfarte de ratinhos, que serviu como base para futuras investigações. O uso destas células-tronco em ratos fazia com que a lesão do coração melhorasse de forma significativa. Este foi o trabalho pioneiro de células-tronco em cardiopatia, experimental, mas que teve um impacto muito grande. Na Bahia, a Fiocruz já tinha em seu biotério, um dos maiores da América Latina, o modelo em camundongo da doença de Chagas crônica e, imediatamente, já em 2001, os pesquisadores da instituição começaram a testar o que a células-tronco de medula faziam nesses ratinhos. Quase dois anos depois, em 2003, esta terapia já havia sido testada em mais de 1000 animais e se confirmava uma melhora na inflamação do coração.

“Durante esta fase, os ratinhos são acasalados entre irmãos e depois de vinte e tantas gerações você tem como se fossem irmãos gêmeos, então se pode transferir células de um para o outro que não rejeita é como se fosse um mesmo animal, mesmo que você pegue de dois é como se fosse de um mesmo indivíduo. Isso permitiu simular uma situação dos pacientes chagásicos de serem tratados com as células deles mesmos” (Entrevista de Ricardo Ribeiro cedida em abril de 2006).

Os pesquisadores deduziram que a terapia poderia se traduzir num tratamento para pacientes graves. Mas quem seriam os beneficiados por este tipo de tratamento? No discurso da mídia, isto também não fica evidente ou claro. Para os pesquisadores, seriam pacientes que geralmente têm falta de ar às vezes só de falar ou então perdem o ar com exercícios mínimos, como tomar banho, trocar ou vestir uma roupa. São indivíduos totalmente alijados do convívio familiar e social e afastados do trabalho, aposentados e totalmente sem qualidade de vida.

Diante deste quadro e buscando como objetivo a melhoria da qualidade de vida, é que após os dados experimentais obtidos com ratinhos em laboratório, a equipe do Dr.

Ricardo Ribeiro, em parceria com pesquisadores do Hospital Santa Izabel, na cidade de Salvador, iniciou os testes em humanos. Para isso, foi necessário que a equipe se submetesse a um protocolo, enviado a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, para que este aprovasse a realização das cirurgias. Os transplantes foram autorizados depois de um ano, justamente porque havia dúvidas quanto ao uso de células-tronco em transplantes e as conseqüências que poderiam ser desastrosas, podendo levar pacientes a morte por arritmia cardíaca. Mas desastrosa foi a espera pela aprovação, pois durante o período de espera desta autorização, que foi de 12 meses, dos 15 pacientes selecionados apenas 4 sobreviveram. Nenhum veículo trouxe essa realidade à tona, ninguém enfocou o processo burocrático necessário e as suas conseqüências. Somente em julho de 2003, o transplante foi realizado num paciente extremamente grave, que sentia problemas respiratórios com a realização de esforços mínimos. A terapia foi utilizada em 30 pacientes, que foram acompanhados durante um ano. A melhoria foi percebida exatamente no quesito, condição do coração como bomba, conhecida por fração de ejeção. Destes 30 pacientes, ocorreram 3 óbitos, mas não com problemas associados a cirurgia, mas em conseqüências dos problemas já provocados pela doença de Chagas. Enquanto a imprensa associava o método de terapia celular com a cura da doença, os pesquisadores mostravam que o método não trazia efeitos colaterais e poderia haver sucesso terapêutico.

Um dia após a realização da primeira cirurgia, a TV Bahia divulgava uma matéria, feita pelo repórter José Raimundo, destacando o pioneirismo da cirurgia e estipulando o prazo de dois meses para se comprovar a eficácia do tratamento. A matéria foi veiculada no dia 18 de junho de 2003 e até hoje, quase três anos depois, essa eficácia ainda não pode ser comprovada, afinal a pesquisa ainda está em andamento.

Atualmente, sob coordenação de um grupo de pesquisadores da Bahia, apoiado pelo Ministério da Saúde, está em andamento um projeto que envolve 300 pacientes chagásicos, de todo o Brasil, onde metade vai receber célula-tronco e outra metade não. Tanto médicos como pacientes não sabem quem irá receber injeção de células-tronco. Trata-se de uma metodologia conhecida por duplo cego, onde será feito um sorteio na hora da preparação destas células. O único grupo que sabe será aquele que está separando e injetando as células-tronco nos chagásicos. O projeto é multicentro porque envolve 16 instituições do

país. O Dr. Ricardo Ribeiro ainda explica que somente depois desse trabalho, que deve durar aproximadamente 3 anos, poderá haver uma avaliação da eficácia do método.

“Vai poder dizer ainda com restrição porque eu acho que muito desses pacientes eu gostaria de injetar células de novo e vamos injetar porque isso não é um tratamento como a gente tem com medicação, com uma droga, que é uma questão de dose e efeito, ele é quase que um tratamento a la carte, porque a medula de cada paciente é diferente, varia com a idade, varia com as condições de saúde deste indivíduo, varia com outras infecções que ele teve ou não, varia com droga, uma série de coisas, então você não tem um sistema, 'tirei a célula da medula e transferei'. É tudo igual? Não. Não é tudo igual. Qual a melhor célula que transfere condições para o coração? A gente ainda não sabe. Tem lá as hipóteses, tem algumas características de roupinhas dessas células que você acha que é importante, mas ainda não está definido de forma terminal qual é aquela que faz um efeito” (Entrevista de Ricardo Ribeiro cedida em abril de 2006).

O Dr. Gilson Feitosa, que faz parte da equipe do Hospital Santa Izabel e também participa da pesquisa, destaca ainda que após essa segunda fase da pesquisa ainda há outras questões que precisarão ser abordadas e outros caminhos precisarão ser estudados.

“Esse trabalho mesmo de 300 pacientes, isso aí vai levar uns três anos, agora esse trabalho tem a probabilidade de dar uma resposta mais afirmativa porque estará sendo comparado a um placebo de maneira adequada, não dará todas as respostas porque, pra você entender, nós estamos fazendo de uma maneira, é a maneira que nós achamos que provavelmente é a melhor, mas é uma só maneira, estamos fazendo todos da mesma maneira, e aí vamos ver se é melhor do que o outro, do que não fazer nada, se for melhor haverá um outro passo, é ver que maneiras variáveis existirão para aperfeiçoar o que nós estamos fazendo e é assim que se faz o conhecimento médico” (Entrevista de Gilson Feitosa cedida em abril de 2006).

Outro aspecto sem clareza no noticiário brasileiro diz respeito a população de células-tronco que temos em uma medula óssea. Segundo os pesquisadores da Fiocruz/Bahia, temos menos de 1%, ou seja quase 99% daquilo que é injetado não terá efeito de célula-tronco. É preciso deixar claro ainda que tipo de célula-tronco pode ser utilizado. As células do cordão umbilical, por exemplo, não tem efeito em pacientes com doença de Chagas. A esperança pode estar então na célula do dente de leite e nas células do tecido adiposo, mas ainda se encontram em fase de pesquisa.

Na abordagem feita pelo jornal A Tarde, os mesmos problemas são evidenciados. Os resultados da pesquisa são transformados em produtos noticiáveis. O ato de informar nessa situação não está associado à prestação de serviço a sociedade, mas ao objetivo do meio de vender jornais ou atrair audiência. A matéria é aberta com a seguinte declaração: “Os pacientes portadores da doença de Chagas, patologia transmitida pelo barbeiro,

incurável e que pode atacar o coração, passam a ter esperança de recuperação” (Jornal A Tarde, 19 de junho de 2003).

Sem dominar o discurso científico, os meios de comunicação adotam uma concepção ingênua de ciência pautada na tradição lógico positivista que está diretamente associada a sua natureza e está de acordo com os seus critérios de noticiabilidade<sup>3</sup>. A ciência exposta seguindo esses padrões lembra a analogia de Latour, em que a ciência é apresentada como uma caixa preta: “... ou seja, por mais controvertida que seja a sua história, por mais complexo que seja o seu funcionamento interno, por maior que seja a rede comercial ou acadêmica para a sua implementação, a única coisa que conta é o que se põe nela e o que dela se tira” (LATOUR, 1998, p. 14).

A ciência é vista como algo que se constrói fora de um mundo também regido por questões sociais, políticas, econômicas, culturais e religiosas. Deixa-se de lado o fato de que “El conocimiento científico sirve a objetivos que van mucho más allá de la investigación en la ciencia misma. Estos objetivos son económicos, políticos y militares” (PREWITT, 1997, p. 59).

Poderia se dizer que os meios de comunicação trabalham dessa forma com os temas pertinentes a todas as áreas do desenvolvimento humano e que esta seria uma característica das coberturas jornalísticas, mas pensar assim é um erro. Quando se trata de questões políticas, econômicas, sociais, religiosas e até esportivas, os veículos apresentam a preocupação clara com o entendimento do processo, de seus sujeitos e das suas características e conseqüências. No caso específico da ciência ocorre que:

“Quando se fala em Jornalismo Científico geralmente não se dá muita importância a algumas sutilezas. Uma delas é a dimensão que engloba a prática profissional: a divulgação não só da Ciência pronta, avaliada por peritos, publicada em revistas especializadas, mas também a da Ciência em construção, nos bastidores, em processo permanente de negociação de significados, procurando consensos numa tempestade de interesses” (SOUZA, 2004, p. 25 e 26).

Souza (2001) ainda destaca que a ciência “... é rica em vida, comunicação, interação, tramas, disputas, conflitos, trincheiras de lutas políticas, ideológicas...”. Só que isso pouco aparece na mídia. A conseqüência dessa abordagem é o empobrecimento tanto da cobertura jornalística como do conhecimento científico do público que tem nos meios de comunicação fontes principais de informação.

## **Considerações Finais**

A doença de Chagas é considerada “doença muito negligenciada” pelos pesquisadores e deveria ser entendida dessa forma na definição de critérios que pautam o jornalismo científico em saúde no Brasil. Além disso, uma visão multidisciplinar deste problema, envolveria a divulgação da situação social e econômica das pessoas que vivem nas áreas endêmicas do país. A mídia em Salvador valorizou o aspecto da novidade e do ineditismo do 1º transplante com uso de células-tronco, realizado na capital baiana, sem ao menos considerar o inquérito nacional de sangue, onde há maior prevalência de doença de chagas, ou seja, infectados no Rio Grande do Sul. A recomendação de transplantes cardíacos com uso de células-tronco é feita em situações extremas, quando outras formas de tratamento não são efetivas. De acordo com o inquérito nacional de sangue os pacientes em estado grave que apresentam problemas cardíacos estão localizados no estado de Goiás e Brasil Central. O que significa dizer que seriam fortes candidatos ao uso de células-tronco, e de acordo com os resultados dos que já receberam o transplante usando esta nova terapia, poderiam ganhar uma sobrevida e uma melhoria na qualidade de vida. O que não significa dizer a cura definitiva. Entretanto, estas regiões necessitam de maiores investimentos em infra-estrutura hospitalar, investimento em equipes de transplantes cardíacos, preços acessíveis de medicamentos pós-transplantes e atendimento gratuito através do SUS - Sistema Único de Saúde. Esta gratuidade, no uso de células-tronco, acreditam os pesquisadores da Fiocruz/Bahia deverá ocorrer daqui a uns três anos, se as políticas públicas considerarem o tema relevante. Outro aspecto importante e discutido pelos estudiosos no campo do jornalismo científico é quanto à divulgação dos procedimentos científicos realizados nos laboratório de pesquisa no país. No caso, das pesquisas com células-tronco na Fiocruz/Bahia, os passos entre pesquisa básica (2001) e aplicada (2003) foram rápidos, possibilitando uma divulgação veloz na mídia. Mesmo com esta rapidez, facilitada por uma concepção de pesquisa em rede conectada com o mundo exterior, houve entraves e burocracias que foram as razões de atraso na pesquisa de células-tronco na Bahia. O trabalho de pesquisa no laboratório da Fiocruz/Bahia passou por várias etapas, mas segundo os pesquisadores, a questão se complica à medida que todo o material de consumo, como plásticos e reagentes devem ser previstos com um ano de antecedência. Ocorrem erros de previsão, pode faltar um material e os entraves burocráticos atrasam o

trabalho de pesquisa. Isto não ocorre em países como EUA ou Inglaterra. Atualmente há dois órgãos no Brasil responsáveis pela fiscalização da pesquisa. Um é a Anvisa que é uma agência de vigilância, que no caso das células-tronco, acabou por reter reagentes que perderam até a validade porque não foram conservados em gelo seco. E outro é a Conep, um órgão moderador e regulador da pesquisa que emite pareceres.

Quanto às verbas destinadas para a pesquisa na Fiocruz/Bahia em contrapartida com verbas disponibilizadas o eixo Rio – São Paulo, houve no último ano investimentos governamentais oriundos da FAPESB, instituição financiadora da pesquisa no estado da Bahia. Já há verbas disponíveis para a construção do Instituto de Terapia Celular no Hospital São Rafael na cidade de Salvador, na ordem de 3 milhões de euros. Mas ainda a maior parte dos investimentos são de origem nacional através de órgãos como o Ministério da Ciência e Tecnologia, CNPq, FINEP, FAPESB que está financiando um instituto virtual. Até hoje os investimentos chegam há mais de três milhões de dólares somente em Chagas, além dos dezessete milhões em outros estudos com células-tronco. A pesquisa avança rapidamente porque a concepção de pesquisa de forma virtual faz com que ocorra uma democratização do conhecimento processado em órgãos de pesquisa em diferentes países de forma simultânea. O Instituto do Milênio, que é um organismo virtual, de bioengenharia tecidual, coordena todas as pesquisas sobre células-tronco no Brasil atualmente. Trata-se de uma organização social sem fins lucrativos.

A mídia contribuiu num primeiro momento, mas criou também uma demanda e uma falsa expectativa para uma série de doenças que ainda estão sem solução. O grande desafio é enfrentar o charlatanismo, pois até células tronco em pó estão sendo comercializadas e tem gente pagando por aplicação de injeções de células-tronco a quantia de 4.600,00 reais. Para que esta tecnologia se torne uma tecnologia com justiça social, através do SUS, são necessárias as políticas públicas, um maior investimento em pesquisa nas áreas endêmicas de Chagas, a implementação da lei de patentes, entre outras questões. O caso da pesquisa sobre células-tronco no tratamento da doença de Chagas, precisa ser compreendido e esclarecido pela divulgação científica nacional principalmente num fato polêmico: enquanto se está utilizando célula do próprio indivíduo e transplantando rapidamente, a chance de alterações celulares são pequenas. Este procedimento existe há mais de 30 anos em medicina que é o transplante convencional de medula óssea.

Outro aspecto diagnosticado no relato oral do pesquisador da Fiocruz/Bahia, é a relação existente entre alterações celulares na 3ª idade. Num país que envelhece como o Brasil, é nessa fase da vida que ocorre uma série de instabilidades cromossômicas e é muito grande o risco de haver fusão celular, gerando tumores. Tudo isso não é intransponível, mas tem que ser monitorado no decorrer da pesquisa sobre células-tronco no tratamento de várias doenças e não somente no caso de Chagas. Isto leva tempo e há de se ter transparência na divulgação dos resultados. Apesar das mentiras e fraudes nas pesquisas com células-tronco em Seul, na Coréia, os pesquisadores baianos apostam que as dúvidas e as incertezas científicas poderão encontrar respostas no domínio cada vez maior de tecnologias neste campo. Esta correlação, entre a corrida dos pesquisadores pelo domínio de tecnologia e a divulgação de informações de caráter estritamente tecnológico no campo da pesquisa sobre células-tronco deverá ainda ser o “boom” das notícias científicas nos próximos anos. A visão tecnicista da imprensa no jornalismo científico reflete a visão da comunidade científica brasileira.

### **Referências Bibliográficas**

LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação – Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. Editora Unesp, São Paulo – SP, 1998.

SOUZA, Cidoval Morais de. **Para relativizar Ciência e Jornalismo**. In: Comunicação da Ciência: análise e gestão. Cabral-Editora e Livraria Universitária, Taubaté-SP, 2004 p. 25-34.

PREWITT, Kenneth. **Analfabetismo Científico y La Teoría Democrática**. In: La popularización de la ciencia y la tecnología – Reflexiones básicas. Red de popularización de la ciencia e la tecnología en América Latina y el Caribe. Fondo de Cultura Económica – México, 1997, p.51-66.

FERNANDES, Regina Maria. **A Evolução no Conhecimento e o Controle da Doença de Chagas: um estudo de caso sobre a interação entre ciência, a tecnologia, a saúde e a economia**. CEDEPLAR/UFMG, Belo Horizonte-MG, 2005.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Científico – Resgate de uma trajetória**. In: Comunicação da Ciência: análise e gestão. Cabral-Editora e Livraria Universitária, Taubaté-SP, 2004, p.11-23.

CARNEIRO, Milton. **História da doença de Chagas**. Curitiba: s.n., 1963.

DELGADO, R. Magola e QUEVEDO, V. Emilio. **La ciencia y sus públicos: el desafío**. In: La popularización de la ciencia y la tecnología – Reflexiones básicas. Red de popularización de la ciencia e la tecnología en América Latina y el Caribe. Fondo de Cultura Económica – México, 1997, 99-109.

DIAS, João Carlos Pinto, MACHADO, Evandro M. M., FERNANDES, Antônia Lins et al **Esboço geral e perspectivas da doença de Chagas no Nordeste do Brasil**. Cad. Saúde Pública, 2000, vol.16 suppl.2, p.13-34. ISSN 0102-311X.

LANZA, Robert e ROSENTHAL, Nadia. **O Desafio das Células-Tronco – Obstáculos no caminho que leva da promessa terapêutica aos tratamentos reais em seres humanos**. In: Scientific American Brasil. Ano 03, nº26. Julho de 2004.

LEITE, R.S. & DOHMANN, H.F. **Uso de células-tronco aplicado à cardiologia**. Revista da Sociedade de Cardiologia do Rio Grande do Sul. Ano XIII, nº 03 Set/Out/Nov/Dez 2004

NUNES, José Horta. **A Divulgação Científica no Jornal: Ciência e Cotidiano**. In: Produção e Circulação do Conhecimento – Política, Ciência, Divulgação. Pontes Editores, Campinas – SP, 2003, p.43-62.

OLIVEIRA, Marcos Barbosa da. **Desmercantilizar a Tecnociência**. In: Conhecimento Prudente para uma Vida Decente - 'um discurso sobre as Ciências' revisitado. Edições Afrontamento, Porto - Portugal, 2003, p.227-250.

SANTOS, Ricardo Ribeiro dos, SOARES, Milena Botelho Pereira and CARVALHO, Antônio Carlos Campos de. **Transplante de células da medula óssea no tratamento de cardiopatia chagásica crônica**. Rev. Soc. Bras. Med. Trop., Nov./Dec. 2004, vol.37, no.6, p.490-495. ISSN 0037-8682.

SCHWARTZMAN, Simon. **Um espaço para a ciência: A formação da comunidade científica no país**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia; Centro de Estudos Estratégicos, 2001.

ZAGO, Marco Antônio. **Injeções de Vida: clonagem e terapia celular**. In: Revista FAPESP, Ed. 73. Março/2002.

ZAMBONI, Lilian. Márcia. Simões. **Cientistas, Jornalistas e a Divulgação Científica – Subjetividade e Heterogeneidade no Discurso da Divulgação Científica**. Editora Autores Associados, Campinas – SP, 2001.